

ARTIGOS

TIPOS DE PENSAMENTO JUDAICO (I).

FRITZ PINKUSS

do Curso de Língua e Literatura Hebraica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Esta é uma pesquisa feita na literatura judaica mais recente, com a finalidade de elaborar os destacados tipos do seu pensamento. Não podendo fazer juz a ser completo, este trabalho — a nosso ver pela primeira vez — tenta estabelecer linhas mestras daquilo que constitui nos milênios da História de Israel as tendências de evolução e participação do espírito judaico (1), no sentido criativo e sempre vivo em situações de diálogo com o mundo.

O autor publicou em 1967 um artigo sobre *A Criatividade de Dezenove Séculos da Diáspora Judaica* (2), o qual constituiu o texto de uma preleção feita para dirigentes comunais judaicos. Em 1971, deu um Seminário sobre *Tipologia do Pensamento Judaico* no Curso de Hebraico do Departamento de Linguística e Línguas Orientais da Universidade de São Paulo. O intuito foi demonstrar que o espírito criativo do judaísmo, nem de longe, se tinha esgotado com a literatura do Velho Testamento, mas, representa uma continuidade através da História.

Geralmente é desdobrada a Ciência do Judaísmo em partes especializadas, como Filosofia, Mística, Rabinismo, ficando justificada tal especialização para a pesquisa dos diversos grupos de fenômenos. O que aqui é planejado, sob a forma de ensaio, não trata das grandes

(1). — PINKUSS (Fritz), *Israel, Povo dos Milênios*. Edição da Fundação Fritz Pinkuss. São Paulo. 1971-72.

(2). — *Revista de História*. São Paulo. 1967, nº 71, vol. XXXV.

personalidades da História Judaica ou de da existência judaica, com os fenômenos novos dos pensamentos contemporâneos, sejam incorporações feitas após adaptação daqueles fenômenos, sejam respostas positivas, sejam rejeições, sejam respostas completamente novas.

Escreve Leo Baeck em sua *Essência do Judaísmo*:

“De este continuo renascer, con sus poderes de regeneracion espiritual, surge el caracter histórico único del judaísmo... Cada uma de sus épocas estuvo moldeada por una experiencia particular, a partir da qual el judaísmo descubrio nuevos significados para dar forma a su vida espiritual... La palabra profética de “los cielos nuevos y la tierra nueva” (Isaias, 66.22) se ha tornado realidad en la história del Judaísmo”.

Encarando destarte, atitudes e tendências do pensamento, bastante diferentes, desde já fica estabelecido que estas novas dimensões e orientações não aparecem removendo tipos e atitudes anteriores de pensamento e, sim, de maneira estritamente *cumulativa*. Pode-se exemplificar isto: a era do Talmudismo é em certas épocas, simultaneamente, a da Mística; — como no século XV, em que vive em Sefat (Safet) no Galil, Josef Caro, o grande redator final da *Halakhá* (Código da Lei), sendo ele mesmo conhecido como integrante daquele centro místico; ou Maimônides, no século XII, ao mesmo tempo, o grande Rabino e o Filósofo.

Tentamos assim, aplicar o sistema da *Typenlehre* de Eduard Spranger (4), que estabelece os seus “tipos” e, desde já, esclarece que estes, idealizados, abstraídos, não existem isolados na prática da vida, e sim: sempre em inter-relacionamento e apresentando características provenientes da inter-comunicação, interdependência, seja com demais tipos do pensamento judaico, seja com o pensamento do meio-ambiente, em diálogo. É desta maneira que tentamos elaborar as linhas mestras, cientes de não esgotar o tema no que diz respeito a variantes de im-samento judaico.

Em épocas e países diferentes, surgem os grandes “tipos” do pensamento judaico.

(3). — “... Tenía que llegar a comprender la ideia predominante en cada época y debía compararse con todo pensamiento importante y, de ser possible, unirse a él”. BAECK (Leo), — *La Esencia del Judaísmo*. Buenos Aires, Ed. Paidós, 1964, págs. 27 e 33.

(4). — LEBENSFORMEN (E. S.), NEOMARION VERLAG, 8a. ed. TUEBINGEN, Introdução.

CAPITULO I.

CONCEITOS BÁSICOS DO PENSAMENTO BÍBLICO.

É ousado falar do “Pensamento Bíblico” como uma unidade, pois esta literatura sacra abrange, mais ou menos, doze séculos. Entretanto, existem claras idéias mestras, as quais cumpre analisar em toda a evolução deste pensamento. Entende-se que apesar de que muitas idéias contidas no Novo Testamento permaneceriam inexplicáveis sem o conhecimento do Velho Testamento, este trabalho se dedica à Bíblia Judaica, “Velha Aliança”, como Fonte Clássica. Devem ter existido mais do que os 24 livros que constituem a Bíblia, *Tenakh*, do judaísmo, tendo-se perdido por não terem sido codificados.

Em três partes apresenta-se a literatura do *Tenakh Torá, Neviim, Ketuvim* ou, a). — Ensinamentos, b). — Visionários, c). — Escrituras Gerais e Poesia. A primeira parte, os Cinco Livros de Moisés, constitui a *Torá* = Ensino, Lei; e, em 444 antes da nossa era, com o povo retornado do exílio babilônico, Esdras a introduz, definitivamente codificada, como constituição do segundo Estado. Em um processo que se estende sobre alguns séculos mais tarde, as duas outras partes são redigidas em definitivo (5). O Velho Testamento da Igreja contém alguns livros a mais e uma sequência diferente dos respectivos textos da segunda e terceira parte. Enquanto nos séculos 2 e 1, anteriores à nossa era, se faz a famosa tradução ao Grego — a LXX — em Alexandria, para os meios helenísticos que não entendem bem o bastante de Hebraico, encontram-se entre os Rolos de Qumrán — Mar Morto (*) todos os livros do Velho Testamento — exceto o de Ester, com textos idênticos aos conservados na Tradição Judaica (*Mas-sôrá*).

A Bíblia tem idéias mestras representativas e básicas para o Pensamento Judaico, as quais não mais desaparecem em toda a evolução do Judaísmo. Possui uma polaridade de pensamento — o Universalismo, Deus é Criador do Mundo — e o Nacionalismo: Ele fez a BRIT — Aliança, com Seu Povo. Assim, se pode dizer que o Velho Testamento é universal: o conteúdo, por exemplo, do decálogo é universal, e, ao mesmo tempo, nacional: *Israel* recebeu o Ensino, para todo o gênero humano.

A Bíblia do Velho Testamento não fala da salvação individual, mas de GUELÁ — Redenção Coletiva, de todos — como consequên-

(*) . — Século I antes da Era Cristã.

(5) . — PFEIFFER (H. Robert), *Introduction to the Old Testament*. Ed. Harper Brothers, New York, London. 1941, págs. 11, 20.

cia da Aliança. — Ela estabelece o Ensino básico (MITZVA) Ordenamento Divino, através de cujo cumprimento o homem deve e pode adquirir a vida verdadeira, tornando-se QADOS (Santificado). O homem, por um ato de TESHUVÁ (Retorno) — pode sempre voltar ao caminho certo e reto. Teshuvá não é, em absoluto, um feito mágico, nem provem de um ato sobrenatural, mas é consequência da meditação séria e da vontade espontânea. Este é o significado do grande Retorno: “os portões do perdão estão sempre abertos” (6); não somente em um dia destacado para isto: o Dia da Expição (*Yôm Hakipurim*).

A idéia da Divindade: em algumas partes, por exemplo, nas mais velhas, transpira um HENOTEISMO, monoteísmo que deixa relativa existência aos demais deuses nacionais dos povos. Na literatura considerada clássica existe o mais puro Monoteísmo (7).

Houve tendências monoteístas antes do judaísmo, como o culto astral de Amenhotep, em Heliópolis. Sigmund Freud (8) acha no seu livro sobre Moisés, que este conservou o monoteísmo solar, astral de Heliópolis, o qual, oficialmente recusado no Egito, tornou-se modelo para o monoteísmo bíblico — uma hipótese por nada justificada. Leo Baeck (9) define este monoteísmo da Bíblia como o grande monoteísmo ético e não mais astral: Um Deus Único manifesta A Sua Vontade, Seu Ensino Ético.

Há dois meios de abordar o texto bíblico: o fundamentalista e o crítico. O primeiro considera ao pé da letra as Revelações e a originalidade diretamente vinda “assim e então” da Divindade, enquanto que a posição crítica reconhece “fontes”, às vezes divergentes, redigidas nos livros sagrados, atribuindo estes textos aos gênios religiosos, como os clássicos relatos das suas experiências espirituais, fato esse que explica o *overlapping*, duplicações e divergências nos textos. O biblista Franz Rosenzweig do começo deste século, considera como o “Grande Mestre Religioso” o R. = *Redator*, destes relatos colecionados. (RABENU = NOSSO MESTRE).

Após considerações introdutórias, tratemos das colunas mestras, idéias dominantes, do pensamento bíblico: Deus, o Homem, o Povo e a Humanidade, para mais tarde vermos o Profeta e o Messianismo.

(6). — Provérbio Judáico.

(7). — PINKUSS (Fritz), *Israel, Povo dos Milênios*, Edição Fundação Fritz Pirkuss. São Paulo. 1971-72, pág. 13 em diante.

(8). — *Ibid.*, pág. 14.

(9). — BAECK (Leo), *Esencia del Judaísmo*, Ed. Paidós. Buenos Aires. 1964, págs. 62, 63.

a). — DEUS.

O filósofo Karl Jaspers criou o termo ACHSENZEIT, era axial, na sua Filosofia da História, e qualifica com esta definição a época que começou no século 8 e finda aproximadamente no século IV antes da nossa era (10).

“Nesta época concentra-se algo extraordinário. Na China vivem CONFÚCIO e LAOTSE, têm origem todas as orientações da filosofia chinesa; ... na Índia criam-se os UPANISHAD, vive Budha; ... no Irão ensina Zaratustra; ... na Palestina surgem os Profetas, de Elias via Isaías e Jeremias até Deutero-Isaías; ... e a Grécia v Homero e os filósofos; ... Tudo, só indicado por estes nomes, cresce quase que simultaneamente nestes séculos (VIII.-II.) na China, Índia, no Ocidente, sem que soubessem uns dos outros...” (em outro lugar, Jaspers concentra a *Achsenzeit* para os séculos VIII até V”).

“O novo desta era, em todos os três mundos, consiste em que o homem se torna cômico da existência como um todo, dele próprio e dos seus limites. Ele experimenta a prodigalidade do mundo e a própria insuficiência. Ele coloca perguntas radicais. Ele impele, diante do abismo, para libertação e redenção. Ciênte das limitações, estabelece as mais altas metas. Experimenta a incondicionalidade no fundo do próprio ser e na clareza da transcendência....

Nesta era produziram-se as categorias básicas, em que até hoje estamos pensando, e criaram-se os inícios das religiões mundiais, de cujo fundo os homens vivem até hoje. Em todo sentido empreendeu-se o passo para o universal... Porquanto a substância que veio da tradição, ainda estava viva e real, ela foi elucidada e destarte transformada nas suas apresentações”.

Deus não é CHIFRE; símbolo, no pensamento bíblico, e sim PERSONALIDADE, e para recapitularmos: Deus é Único, concebido em monoteísmo ético.

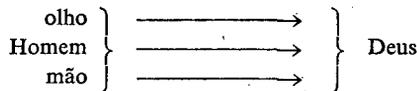
Na filosofia destaca-se o Deus Imanente e o Deus Transcedente. A Imanência poderá ser caracterizada segundo Spinoza: *Deus sive Natura*, Deus é idêntico à natureza; o que representa a Imanência panteísta. No conceito bíblico, Deus é estritamente não idêntico com o mundo, Ele está “trans”, *além* do mundo, presente, todavia, em toda

(10). — JASPERS (Karl), *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte*, Ed. R. Piper e Co.. Muenchen. 1963, cap. I, pág. 20.

a parte. Ele é na sua singularidade não um caso de uma espécie, mas Único (11). E Ele é integralmente, por essência, além daquilo que o Homem poderia descrever. No capítulo que trata da filosofia (12), ainda veremos que o grande Maimônides (século XII) estabelece que de Deus somente se pode falar em Categorias Negativas: Deus *não* é corporal, *não* é temporal, Deus *não* é visível, Deus *não* tem traços humanos.

Para o homem que vive no meio do seu povo, da sua história, para quem os patriarcas e os mestres são vivos em sentido mais sublime, perene, tornou-se desnecessário basear-se em “provas pela existência de Deus”. Voltaire tinha razão ao responder a Frederico II, perguntado por uma prova da existência de Deus — Majestade, Israel —.

O problema do Antropomorfismo (projeção de Deus em formas humanas) é solucionado pela alegoria. Olhar, mão, braço de Deus, nas teofanias proféticas, são interpretadas a partir de Filo, o Helenista de Alexandria, de Maimônides até Franz Rosenzweig (13), no sentido de uma projeção; sabe-se que Deus não tem traços humanos, mas na impossibilidade de descrevê-lo, vale a terminologia: *se* Deus fosse homem, então usaria mão etc. . . Poderia-se denominar isto de projeção ascendente, conforme o modelo:



Há encontro contínuo com o Deus Invisível: A criatura traz a Imagem de Deus (14), o que explica que algo Divino está no Homem: a dignidade inalienável de Criatura (15). Assim sendo, Deus é Pai de toda a Humanidade.

Desde o primeiro encontro do Hebreu com seu Deus, existe a pergunta acerca de seu Nome. E são estes os “Nomes Divinos”:

— Abraham chama Deus de EL SHADAI, o Onipotente.

— A Moisés, na sarça em chamas, revela-se Deus como EHYÉ ASHER EHYÉ (16), o que *não* definimos conforme o uso habitual,

-
- (11). — Comentários do SHMÁ ISRAEL, Confissão da Fé, Deut. 6, 4.
(12). — Filosofia Medieval — ver no respectivo capítulo.
(13). — Estrêla da Salvação.
(14). — Gênesis, I, 26-27.
(15). — Ver no capítulo sobre o Homem.
(16). — Êxodo 4, 14.

a nosso ver sem significado: “Eu Serei Quem Serei”, e sim: tendo o tempo inacabado no Semítico, o valor de Futuro e de Presente, assim traduzimos: EU SEREI SEMPRE QUEM SOU AGORA, ou, o que também é admissível: EU SEREI SEMPRE QUEM ERA. Os velhos comentários tinham uma compreensão neste sentido, RASHI (século XI) explica: — EU SOU COM VOCES NESTA TRAGÉDIA, COMO SEREI EM TODAS AS FUTURAS. —

Desde os relatos da Criação do Mundo conhecem-se os dois termos: ELOHIM e YAHVÉ. O primeiro, chamado na tradição: MIDAT HADIN = termo de Juiz Supremo (no *Pluralis Majestatis*) e o outro: MIDAT HARAHAMIM (termo de Misericordioso). — A respeito de YAHVÉ, o seguinte esclarecimento: êle significa, vindo da raiz HVH: “Aquele que é ETERNO”. Os religiosos, tendo receio de pronunciar o nome de Deus, temerosos de pecar contra o terceiro mandamento do Decálogo, lêem ADONAI = Senhor (*Pluralis Majestatis*) onde se encontra YAHVÉ. Como lembrete para a leitura, foi todavia YAHVÉ dotado das vogais de ADONAI. — Por um simples erro filológico, criou-se entre biblistas não versados no hebraico, um termo como YEHOVÁ, a dizer YAHVÉ com a vocalização auxiliar, lembrete, que se refere a ADONAI. Assim havemos de dizer que YEHOVÁ é um *non-sense*.

Os judeus tradicionalistas usam este nome ADONAI somente na reza, evitando pronunciar YAHVÉ. Deve ter existido ainda o “Grande Nome” que o Sumo Sacerdote somente uma vez ao ano, no grande Dia do Perdão, expressava no lugar mais sagrado do santuário central; ele ficou esquecido; e veremos que na Mística Deus agradeceu os seus mais piedosos com o conhecimento deste Nome; eles são então chamados de BAAL SHEM, “Dono do Grande Nome Milagroso”.

Em uso cotidiano serve HASHEM — o “Nome”; — em escrito, a abreviação por um *H* = HASHEM, ou um *D* como o valor numérico de quatro, correspondente aos quatro radicais de YAHVÉ.

Deus manifestou-se; A grande Revelação do Sinai é seguida de muitas outras posteriores, de menor vulto. Como já dissemos, a Bíblia é o relato dos gênios religiosos acerca de seus encontros com seu Deus. Não se pode analisar as circunstâncias existenciais ou psíquicas da revelação, pois o gênio não pode ser analisado; se o pudesse, não seria gênio. Ele somente pode ser descrito conforme ele descreve.

b). — O CONCEITO DO HOMEM NA BÍBLIA.

O primeiro capítulo do Gênesis contém o conceito de Homem. Enquanto as formas cosmogônicas mudam, a FORMGESCHICHTE

antiga (a forma do “conto”) pertence à época do relator. Detrás da FORMA, moldura, podem ser analisadas as idéias mestras do relator inspirado por seu Deus. Que idéias prevalecem? O Homem foi criado à Imagem de Deus, de sorte que algo Divino vive neste ente que fisicamente pertence à natureza. O Homem, através da chama Divina que nele arde, sabe discernir entre o Bem e o Mal. Duas explicações tradicionais elucidam a situação existencial do Homem. No Talmude, tratado Sanhedrim (Tribunal), é dito: — o Homem foi criado como indivíduo único, para que saibas que quem destroi *um* ser humano, destroi um mundo, e quem salva um ente humano, salva um mundo. — A outra: para que ninguém possa dizer que a sua ascendência é mais nobre do que a de outro. Portanto, fica excluída a discriminação, na primeira página da Bíblia.

O Homem é dotado de corpo e alma (GUF e NESHAMÁ); ele é NEFESH, personalidade. A alma lhe é insuflada no corpo, ao nascer, e afasta-se do corpo quando este morre (17), *postulando-se* que ela fica conservada por Deus.

No Homem existem duas tendências (YEÇARIM) opostas: aquela que o leva aos atos do bem (YEÇER TOV) e a tendência que o leva para o mal (YEÇER HARÁ). Todos pecam, o Homem está mal desde a sua infância, mas cabe-lhe, — e isto lhe é possível e dele é exigido, — examinar os seus atos. Assim como em uma balança, ele deve considerar os atos bons e os maus, e por compreensão, boa vontade e força moral discernir entre o bem e o mal, para poder sempre, a todo momento, cada dia, especialmente no Grande Dia do Perdão, praticar RETORNO, TESHUVÁ. É de preconizar que o conceito de pecado original, apesar de ser às vezes mencionado no meio dos místicos medievais, ficou alheio. O caminho para o bem é praticado pelo ZADIQ, justo, o qual constitui ideal orientador.

Entre Deus e as Criaturas, o homem bíblico vê seres intermediários, anjos. No Pentateuco são simples mensageiros, MALAKH = enviado, os quais, por exemplo, são os andarilhos que anunciam a Abraham e a Sara um filho (18).

O outro tipo são os HERUBIM, que protegem a Arca da Aliança, ou SERAFIM que protegem a Presença Divina, por exemplo, na grande teofania de Isaiás, capítulo 6.

(17). — PINKUSS (Fritz) e LEMLE (Henrique), *Sidur, Livro de Rezas*. Ed. Congregação Israelita Paulista. São Paulo. 1966, págs. 22-23.

(18). — BUBER (Martim), observação preconizada em uma conferência realizada em Heidelberg, na presença do autor deste trabalho.

Mais tarde, nos tempos dos Rabinos, fala-se de uma VOZ (BAT QÓL) que vem do céu. Supõe-se que a angelologia nos livros dos Profetas, e antes do mais nos primeiros capítulos de Ezequiel, vem da influência babélica.

Através de sua alma (NESHAMÁ), o Homem é imortal:

“Meu Deus, a alma que em mim depositaste é pura. Tu a criaste, Tu a formaste e a insuflaste em mim. Tu a guardas no meu corpo, de mim a tirarás e m'a devolverás em futuro vindouro. Todo o tempo que a alma estiver em mim, hei de render graças diante de Ti, ó ETERNO, meu Deus e Deus de meus pais, Soberano de todas as obras, SENHOR de todas as almas. Bendito sejas, ó ETERNO, que restitues as almas aos entês finados” (19).

As vezes, especialmente nos Salmos, fica transparente a idéia do SHEÔL, “os que descem ao silêncio do Sheôl”. Este não é absolutamente descrito, mas fica uma espécie de NIRVANÁ, um “além”, ou como na mitologia grega, o STYX. A discussão sobre a Ressurreição é rabínica. Exceto na alegoria de Ezequiel (cap. 37), acerca do cemitério de ossos, ela fica estritamente um postulado, sem ser descrita, a não ser de forma alegórica, na literatura rabínica. Na Idade Média somente se fala de Juízo Final, mas não no sentido dogmático, e os Rabinos mencionam o OLÁM HABÁ, isto é, o Mundo Vindouro, iniciado pela era messiânica, com a ressurreição e a Recondução de todo Israel à Terra Prometida (20).

Dogma e Sacramento são estranhos ao Pensamento Judaico. Houve discussões acerca da sua existência. Falta-lhe o essencial para a sua instituição: a hierarquia com força obrigatória. Somente de forma muito vaga, poder-se-ia dizer que existem dois “axiomas”, ou melhor, dois e meio, no Pensamento Judaico:

- a). — Deus é Único.
- b). — O Ensino, TORÁ, é Divino.
- c). — Não se descreve, mas *postula-se* a Ressurreição.

O Homem é dotado de duas tendências, *deve e pode* andar na “Imitatio Dei” (21).

(19). — *Sidur, Livro de Rezas*, pág. 22-23.

(20). — Ver no capítulo sobre Messianismo.

(21). — Miquéas, 6, 8.

Cumpre estudar a TORÁ (TALMUDE TORÁ) e aplicar a Vontade Divina. Esta se apresenta em MIZVÖT, ordenamentos, atos do bem. Houve na era dos Rabinos, na Sabedoria dos Pais (22), discussão acerca da maior importância: estudar ou praticar; e chega-se à conclusão de que quem de fato estuda e entende, também pratica (*).

O judeu está obrigado a tudo isto, ele considera aquele “gentil” como seu irmão, que vive conforme a ética dos assim chamados Sete Mandamentos Noáicos, base moral do convívio humano (Genesis 9. 8-17) (**).

c). — O POVO E A HUMANIDADE.

O Gênesis relata, no seu início, a criação da humanidade que desce do mesmo casal humano. Como já foi dito, não pode haver discriminação em vista da origem que todo o gênero humano tem em comum.

Neste fundo universal, surge o primeiro Hebreu, Abrão (23). Ele vivia uma existência altamente civilizada, como sabemos através da arqueologia (24). O gênio religioso procura seu encontro com o seu Deus, emigra e O encontra em terras longínquas. Este seu Deus Único se revela e conclui com ele uma Aliança (BRIT), com ele e com todos os seus futuros descendentes (25). A polaridade entre nacionalismo e universalismo penetra até neste ato que fala dos descendentes, da tribo, da nação:

“Anda tu no teu caminho e sê tu uma bênção, e por meio de ti serão abençoadas todas as nações”.

A idéia da Aliança é fundamental pela relação Israel-Deus; a sua revigoração com cada homem em Israel que nasce, é praticada na BRIT MILÁ, Circuncisão da Aliança (26).

(*) . — Na tradição popular, a sinagoga, lugar da reza, é chamada SCHUL = escola, indicando o fato que o estudo é de valor básico no exercício da religião, ao lado da reza.

(**) . — Detalhes serão examinados no próximo item.

(22) . — *PIRQÉ AVÖT*, Sidur, págs. 282, 286 e 287 (dito de Rabi Ismael).

(23) . — *IVRI* que significa: “aquele que vem do país de além (do rio Jordão)”.

(24) . — Ver: *Israel Povo dos Milênios*, pág. 12.

(25) . — Gênesis, 17-1.

(26) . — Nos rituais religiosos há a nosso ver, sempre um conjunto de motivações: a) . — higiene; b) . — tabús; c) . — o intuito de através deles manter a comunidade coesa.

A grande revelação sinaítica é a segunda etapa no caminho da Aliança. Destaca os grandes princípios éticos, a recapitulação do estatuto do monoteísmo, a introdução revolucionária de um dia de descanso para todos, sem exceção, fato inédito, revolucionário, na Antiguidade. O povo recebe a denominação de “AM SEGULÁ”, isto é, “Nação do Patrimônio de Deus”. — Na sua versão ao alemão, Martinho Lutero traduz este termo “patrimônio” de forma simplificada com “povo eleito”. Enquanto há o fato histórico de ter chegado o Decálogo através de Israel para a Humanidade, — com exceção do primeiro Verbo (mandamento) (*), seu conteúdo é universal. A idéia da “eleição” jamais foi entendida como total nem toralitária. Especialmente no Deutero-Isaias se encontra o termo Servo de Deus (27), identificado com Israel, o qual sofre pela sua “eleição”, por ser “Patrimônio Divino”.

Já foi dito que o Decálogo é de referência universal, com exceção do primeiro Verbo que lembra ao povo que: Quem fala é Aquele que o libertou da escravidão egípcia, ponto de partida básico, aliás na HEILSGESCHICHTE (história da salvação) de Israel.

No pensamento judaico prevalece a idéia de não incentivar nem praticar o proselitismo, como incumbência exigida pela religião.

A tradição dos rabinos preocupou-se com o ideal de uma humanidade unida. Ela vê todos os povos, sociedades, nações, reunidos ao redor dos “Sete Mandamentos Noáicos” (28), isto quer dizer: há de reinar estrita convivência fraternal e de igualdade, onde se observam os mesmos:

- 1). — onde não há profanação do Nome Divino;
- 2). — onde não há idolatria;
- 3). — onde não fica impune o homicídio;
- 4). — onde se proíbe o incesto;
- 5). — onde se impede e pune o roubo;

(*) . — Que lembra o êxodo do Egito.

(27). — “Não há acordo acerca da questão de que significa no Segundo Isaias Servo de Deus... Foi identificado no primeiro canto com o Messias, no segundo e terceiro com o próprio Profeta, no quarto com o povo de Israel, esta última interpretação dando super-estrutura escatológica”. — Alí são citados os lugares mais destacados, onde se encontra a idéia na literatura profética. BLANK (H. Sheldon), *Profetic Faith in Isaiah*, Ed. Harper Brothers, New York, 1958, da página 77 em diante.

(28). — Mandamentos dados a Noé, Gênesis 9. 8-17 — TALMUDE — Sanhedrim 56a. — Tos. Aboda Zara 8:4.

- 6). — onde existem justiça e tribunais;
- 7). — onde não se pratica o costume (oriental) de cortar carne do animal vivo.

Sem antecipar a análise do pensamento profético-messiânico, deve ser descrita a evolução destas idéias: Miquéas, o Profeta (29), por exemplo, anuncia que com a vinda da era messiânica cada um poderá sentar-se em paz sob sua videira e sua oliveira, cada um vai servir a seu Deus e ninguém o molestará. — A formulação definitiva encontrou este pensamento no Talmude, tratado de Sanhedrin (*), onde os Rabinos estabelecem: — Os justos dentre todos os povos participarão da salvação vindoura. —

Os Sete Mandamentos Noáicos e o quarto capítulo de Miquéas comprovam o pensamento bíblico acerca do Povo e da Humanidade; além disto, o conteúdo do Decálogo, recebido por Israel, no seu conteúdo ético, é de alcance universal.

(Continua).

(*) . — Pág. 56a.

(29) . — Ver o capítulo sobre a Profecia.